



HERE

HISTÓRIA DA
ENFERMAGEM
REVISTA ELETRÔNICA

EDITORIAL

Como citar este artigo

Becerril LC.
[História Da Educação
De Enfermagem
e As Tendências
Contemporâneas].
Hist enferm Rev
eletrônica [Internet].
2018; 9 (1):1-2.

História da Educação de Enfermagem e as Tendências Contemporâneas

Lucila Cárdenas Becerril¹

¹ Universidad Autónoma del Estado de México, Facultad de Enfermería y Obstetricia, Profesora-investigadora, Toluca, México. Doctora en Educación. Miembro del Sistema Nacional de Investigadores (SNI) nivel I. Integrante del cuerpo académico Cuidado Profesional de Enfermería. Coordinadora de la Red Mexicana de Historia de Enfermería, “Lic. María Suárez Vázquez”, A.C.

Na América Latina, as primeiras escolas de enfermagem surgiram nas últimas décadas do século XIX, impulsionadas por profissionais de medicina, enfermeiras inglesas, americanas ou de instituições católicas ou protestantes, muitas vezes fundadas junto a hospitais, com o apoio da Fundação Rockefeller ou da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Seu surgimento foi o resultado da necessidade de satisfazer as demandas de assistência aos doentes. O período de fundação coincide com o de alguns países latino-americanos, dado que no início do século XX foram trazidas à América as reformas de Florence Nightingale.

Em primeiro lugar, a educação em enfermagem surgiu associada aos hospitais, pois a criação de escolas de enfermagem baseou-se nas necessidades de assistência aos doentes em uma instituição hospitalar, e, em seguida, porque a escola não possuía um local físico para esse efeito, nem tinha as condições acadêmicas e administrativas necessárias. A partir do momento em que as alunas eram aceitas, elas iam todos os dias ao hospital onde observavam o que faziam as pessoas que atendiam os pacientes. Normalmente, eram auxiliares de enfermagem que haviam sido habilitadas de “supetão” ou irmãs religiosas que continuavam com o seu serviço de ajudar os doentes e necessitados. Além de observarem os procedimentos, as estudantes tinham algumas aulas. Embora não houvesse programas acadêmicos formais, ensinavam-lhes sobre anatomia, fisiologia e higiene, e curativos; os diretores e professores eram médicos, e lhes ensinavam conforme a sua preocupação e domínio de área médica. O foco educativo tornou-se biologicista, individual e a-histórico; o que significa que a concepção da saúde estava focada na cura de doenças, isto é, dores físicas ou corpóreas, desvinculadas do meio e da herança familiar e social do sujeito em questão. Sob esta visão, os cuidados da saúde foram medicalizados e, nessas condições, o papel da enfermeira restringiu-se apenas ao apoio ao médico em suas ações curativas.

Considera-se que o século XIX presenciou o nascimento da enfermagem moderna através do trabalho de Florence Nightingale, que contribuiu para as bases técnico-administrativas da Enfermagem, criando um modelo teórico de assistência. Nesse contexto, surge a enfermagem, produto da necessidade de que alguém cuidasse dos doentes e desamparados, uma vez que o médico diagnosticasse e tratasse o paciente. Como campo de conhecimento, ele foi assim delimitado, dado que a medicina e os médicos tinham certeza de que seu âmbito de competência não era o *cuidar*; mas, sim, o curar. Essa ação gerou algumas características que foram esclarecidas ou concretizadas durante quase um século. Em primeiro lugar, as atividades das enfermeiras conformaram um modelo de assistência empírico-prático, ou seja, suas ações eram baseadas, fundamentalmente, no método do aprendiz, respondiam o ‘como’

e em poucas ocasiões o 'por quê' de tal atividade. Juntamente com isso, o que aprenderam fazia parte da medicina biologicista imperante: conseguir primazia do corpo sobre o psicológico ou espiritual. É oportuno lembrar que tanto o método de ensino e trabalho das enfermeiras quanto o foco na assistência que forneciam não era algo exclusivo delas, já que desde o século XIX a maioria dos trabalhos utilizava essas formas de ensino e aprendizagem. Era, principalmente, durante as práticas no hospital que as estudantes recebiam o conhecimento de outras enfermeiras, através do método do aprendiz.

A partir da década de 1950, aproximadamente, a formação em enfermagem foi diferenciada pelos objetivos da educação, estabelecidos, principalmente, por organismos internacionais. Desse modo, sua finalidade era concebida como a formação integral do homem, atendendo o plano do estudo formal, o pleno desenvolvimento das capacidades humanas, os problemas éticos a partir de uma perspectiva humanística e a necessidade de desenvolver um sentido estético.

Com a ascensão de um projeto neoliberal, do ponto de vista econômico, a maioria dos países se associou a um projeto neoconservador do ponto de vista político e social. Assim, na década de 80, os organismos internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BM), propuseram restringir o financiamento da educação superior por parte do Estado. Esse programa abandona a confiança no planejamento da educação e, em vez disso, estabelece mecanismos e estratégias de avaliação, que resultam no financiamento ligado aos resultados de tais avaliações. No fundo, uma série de conceitos provenientes da perspectiva pragmática começa a ser estabelecida.

Nesse contexto, a reflexão educativa na atualidade enfatiza a articulação entre educação e sociedade como o elemento central para estabelecer fins educativos. Dessa maneira, a perspectiva produtivista coloca o emprego como ponto central da finalidade educativa.

As escolas e faculdades de Enfermagem, submersas nesse processo durante a primeira década do século XXI, avaliaram e reestruturaram seus programas de estudo, atendendo às políticas educativas em vigor, preocupadas com o processo contínuo de profissionalização que leva à aquisição de melhores níveis acadêmicos e pensa em atender às exigências do mercado de trabalho de seus graduados.

Com esses antecedentes e privilegiando a educação pragmática que relaciona a formação profissional com o emprego, questiona-se frequentemente: Na atenção a um paciente, quão importante é que a enfermeira conheça quem foi a Florence Nightingale, se o que ela precisa é saber as técnicas cirúrgicas, os cuidados intensivos ou o manuseio de aparelhos eletro-médicos?

Tendo como base o que foi dito anteriormente e de maneira sucinta, podemos afirmar que as particularidades que caracterizaram a origem e o desenvolvimento da profissão de Enfermagem na América Latina estabelecem uma ligação estreita com as condições históricas, culturais, sociais e políticas que a acompanharam em seu processo de constituição. Certamente, há pouco mais de um século de seu surgimento, nós enfermeiras reconhecemos que a profissão cresceu e se desenvolveu tanto na educação quanto na prática profissional, e que tem procurado transformar alguns elementos histórico-delegados por fatores que a *emponderem* e que favoreçam seu reconhecimento profissional e social.

Finalmente, pode-se dizer que o ensino de enfermagem na América Latina transitou por um processo de profissionalização nos últimos 120 anos. Essa afirmação permite reconhecer que a Enfermagem surgiu como uma atividade social que foi institucionalizada tanto em sua formação como em sua prática de trabalho, afirmando-se como ciência, profissão, disciplina e arte. Nesse sentido, existem dois objetivos essenciais que devem ser cumpridos tanto individual quanto coletivamente: fornecer assistência de qualidade ao usuário de serviços profissionais, à sua família e à comunidade em seu conjunto, bem como favorecer o desenvolvimento e progresso da disciplina, em seu campo epistemológico como ciência, e em sua práxis como profissão.

REFERÊNCIAS

1. Cárdenas-Becerril, L. (2015) *La profesionalización de Enfermería en México*. Un análisis desde la sociología de las profesiones. Pomares. México.
2. Casasa-García, P. (2001) "Aspectos Ideológicos y Socioeconómicos que Inciden en la Formación del Profesional de Enfermería", *Enfermeras*, vol. XXXVIII, No. 3.
3. Pérez-Loredo, Díaz, L. (1986) *Efemérides de Enfermería 1900-1985*, Porrúa. México.
4. Weber, M. (1998) *La Ética Protestante y el Espíritu del Capitalismo*. Colofón. México.